

MASCULINIDADE GENEALÓGICA E O “VIKING” DO CAPITÓLIO

Reflexões sobre virilidade e política



GENEALOGICAL MASCULINITY AND THE “VIKING” OF
THE CAPITOL Reflections on Virility and Politics

Lucas Moreira

Universidade Federal da Bahia

Programa de Pós-Graduação em Antropologia | Salvador, Brasil
moreiras.lucas@gmail.com | ORCID iD: 0000-0002-8009-6107

Resumo

Este ensaio convida-nos a refletir sobre masculinidade viril, autoritarismo e ideologia política, usando como mote a imagem de Jake Angeli, o homem com cornos de “viking”, que se tornou símbolo da invasão ao Capitólio nos Estados Unidos no dia 6 de janeiro de 2021. Abordando a maneira como imagens de bravura masculina têm sido associadas a regimes fundamentalistas, o texto revela um dos mecanismos socioantropológicos fundamentais para continuidade e reprodução do machismo na atualidade: o desejo político de fazer renascer um símbolo buscado na anterioridade histórica, na qual o homem era forte, violento, dominador e mais “selvagem”. Por meio de exemplos históricos e antropológicos este artigo problematiza a representação política de uma masculinidade despojada dos avanços civilizatórios e das conquistas sociais oriundas de lutas feministas e de LGBTQIA+.

Palavras-chave

Masculinidade; Virilidade; Política; Autoritarismo; Antropologia do Gênero.

Abstract

This essay invites the reader to reflect upon virile masculinity, authoritarianism and political ideology through the image of Jake Angeli, the man with a horned Viking hat and face paint at the United States Capitol riot of January 6th, 2021. By approaching how images of masculine bravery have been appropriated by fundamentalist regimes, this text reveals one of the main social-anthropological mechanisms to perpetuate and reproduce machismo: the political desire to revive a symbol, brought from an ancient past, through which men are depicted as wilder, stronger, more violent and more dominant than today. By means of historic and anthropological examples this text questions the political representation of a masculinity that is untied from civilizational progress and ignores feminist and LGBTQIA+ social conquests.

Keywords

Masculinity; Virility; Politics; Authoritarianism; Anthropology of Gender.





Figura 1 - À esquerda, fotografia de Edward Sheriff Curtis tirada em 1926, de indígena norte-americano com roupas da cerimônia Buffalo Dance. Crédito: Edward Sheriff Curtis. À direita, Jake Angeli, em fotografia de WinMcNamee, durante invasão ao Capitólio em 2021. Crédito: WinMcNamee.

No dia 6 de janeiro de 2021, um ato de sublevação popular da extrema direita, composta por apoiadores do ex-presidente norte-americano Donald Trump, teve como resultado a invasão à sede do Congresso Nacional norte-americano. Os vídeos feitos por manifestantes, na tarde desse dia, registravam uma multidão que carregava faixas com o *slogan*: “*Make America Great Again*” (Faça a América Grande De Novo). Além disso, flamulavam bandeiras estampadas com o rosto de Trump justaposto ao corpo musculoso do personagem cinematográfico Rambo portando um fuzil de guerra. Símbolos de ódio e referências às teorias da conspiração também tinham ali lugar e se somavam à música *country* emitida nos megafones.

Enquanto essas imagens se propagavam do lado de fora do Congresso, do lado de dentro, fotógrafos capturavam as

cenar de um manifestante, que surrava o mastro da bandeira nacional americana sobre o chão, enquanto urrava sons guturais. Nomeado pela mídia brasileira como “o ‘*viking*’ do Capitólio”, o insurgente da extrema direita ressaltava, por meio dessa *performance* delirante, os traços estéticos de uma masculinidade viril. Essa imagem será, neste texto, o mote para refletir acerca das relações entre virilidade e política no contexto da ultrajante ascensão de regimes fundamentalistas.

Distintas pesquisas têm evidenciado, nos últimos anos, que o campo de estudos das masculinidades incorporou um novo viés na compreensão das dinâmicas de poder e opressão às mulheres, fundamental para o fim da violência de gênero (Vigoya 2018; Welzer-Lang 2001; Vale de Almeida 1996; Connel 1995). Essas perspectivas focalizam as experiências dos homens, os seus modos de identificação, os discursos e as práticas para descreverem de que maneira as estruturas sociais de dominação masculina tornam-se possíveis e perpetuáveis. A violência vem a ser o marco de expressão do *habitus* dominante da masculinidade (Bourdieu 2014), pautado na instrumentalização da força física, da potência sexual, da misoginia, da dominação das mulheres e da LGBTQIAfobia.

Não por acaso esse aumento expressivo de pesquisas que abordam a construção social da masculinidade coincide com o avanço da extrema direita em diversos países do mundo. A emergência de governos de propensão autoritária sinaliza a instauração simultânea dos valores viris na política. O Brasil, com a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, pode ser encarado como um retrato dessa ascensão vertiginosa de ideologias que louvam e estimulam o retorno, a todo custo, do *macho* viril e armado para a guerra. Como bem situou a antropóloga Rosana Pinheiro-Machado, em entrevista divulgada na imprensa¹, trata-se da ode a um tipo de *homem viril que acreditava ter se perdido*. Essa ascensão e essa ode são respostas violentas e irresponsáveis desse tipo do *macho* às conquistas políticas das mulheres e de LGBTQIA+ nos últimos anos.

Afinal, teria o homem viril se perdido no curso da história? Estaria a masculinidade em crise? Segundo Courtine (2013: 567), a virilidade supõe uma percepção da natureza

¹ Cf. 'Tribalismo masculino': a seita violenta ligada ao 'viking' em invasão ao Congresso dos EUA. *BBC News Brazil*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55582226> [Acesso em: 13 fev. 2021]

masculina como imóvel no tempo e des-historicizada. Nesse sentido, conclui o autor, “ela se encontra, seja em qual for a época, necessariamente em crise e é nesse sentido, finalmente que ela permanece sendo objeto de luto interminável”. Portanto, a perpétua crise da masculinidade viril será afirmada, ao longo dos anos, na busca de imposição da força física e moral que ameaça ser dissipada ou debilitada pelas transformações políticas.

A recusa do presidente Donald Trump em aceitar os resultados das eleições de 2020, e a conseqüente invasão à sede do Congresso dos Estados Unidos por parte de seus seguidores, trouxeram à tona, mais uma vez, a masculinidade hegemônica como uma das bandeiras da extrema direita. Embora diversos setores sociais estivessem engajados na invasão ao Capitólio, a imagem que simbolizou o ato de antidemocracia trazia ao centro das atenções um homem barbudo, de peito peludo, sem camisa, que usava chifres sobre a cabeça. A indumentária e a bandeira dos Estados Unidos, que empunhava, davam à cena uma atmosfera de espetáculo performático, cujo personagem encarnava o papel do caçador primitivo da América do Norte.

Jake Angeli, um supremacista, embora conhecido como o “*viking* da invasão ao Capitólio”², não usava uma *fantasia de viking*, como foi propagado na mídia, mas uma roupa de bisão norte-americano. Mais especificamente, sobre a cabeça, trazia uma vestimenta sagrada usada na *Buffalo Dance*, a cerimônia de indígenas da planície norte-americana na qual os homens celebravam, sob a forma de uma dança festiva, o retorno dos rebanhos de búfalos.

Aludindo de modo completamente descontextualizado a um tempo passado, a vestimenta se apropria de um símbolo ritual nativo da América do Norte, associando-o a discursos extremistas. Ao torná-lo um ícone midiático, as fotografias do feroz *viking* revelam algo que está na base da reprodução social do machismo na atualidade: um desejo de fazer renascer um símbolo buscado na anterioridade histórica em que o homem era forte, violento, dominador e mais “*selvagem*”. Aliás, as manifestações que desembocaram na invasão, foram assim nomeadas por Donald Trump: *wild protest* (protesto selvagem).

² Cf. As ideias extravagantes do “*viking* do capitólio”. *Época*. Disponível em: <https://epoca.globo.com/jeronimo-teixeira/coluna-as-ideias-extravagantes-do-viking-do-capitolio-24836214> [Acesso em: 13 fev. 2021]

O símbolo do homem “primitivo” ou “selvagem” tem sido colocado na base de ideologias masculinistas como o *tribalismo masculino*³ e de teorias da conspiração como o *Q-anon*⁴, comuns entre os trumpistas da extrema direita, também com adeptos no Brasil. Jake Angeli é um dos membros ativos desse grupo político, que defende, entre outras coisas, uma sociedade formada por homens cujas mulheres, criadas em cativeiro, serviriam apenas para a procriação. Esses discursos extremistas, que antes circulavam apenas pela *deep web*⁵, alcançaram status de notícia séria através de *fake news* disseminadas em redes sociais. Eles pregam o antissemitismo, incentivam o racismo e o ódio às mulheres e têm como base o mesmo negacionismo científico que assola o Brasil em tempos de pandemia de COVID-19.

Esses grupos, formados por um universo heterogêneo de adeptos, buscam inspiração para sua autorrepresentação em arquétipos de homens selvagens, como indígenas “primitivos”, *vikings*, romanos, espartanos e europeus medievais. Todos eles são considerados, enquanto arquétipos, antepassados na árvore genealógica da masculinidade viril que essas coletividades querem preservar a todo custo. São formas de celebrar e reavivar a antiga dominação patriarcal; no caso de Jake Angeli, por meio de uma cultura visual da imagem masculina. Desse modo, a iconografia, à qual recorre o insurgente

³ *Male tribalism* é um conceito formulado por pensadores da direita radical nos Estados Unidos. Jack Donovan é o principal pensador dessa vertente filosófica. Entre seus livros mais famosos, estão *Androphilia: A Manifesto Rejecting the Gay Identity Reclaiming Masculinity* (2011) e *Blood-Brotherhood and Other Rites of Male Alliance* (2007). Baseados na necessidade de formação de uma “gang” ou de uma “tribe” exclusivamente masculina, os escritos pregam o antifeminismo, a misoginia e incentivam o ódio étnico, com intuito de erigir uma comunidade a partir de seus próprios mitos e práticas de irmandade. Embora reprovem a homoafetividade, defendem o sexo entre homens como fonte de acumulação e troca de força, coragem e honra. Os conceitos formulados transformaram-se ao longo do tempo em pauta política da *alt right* (direita alternativa) norte-americana.

⁴ Teoria da conspiração baseada em denúncias infundadas, alegando que os controladores do mercado e os chefes de Estados democráticos seriam adeptos de pedofilia, antropofagia e satanismo. Surgidas em um site na internet, por meio de publicações de um anônimo *on-line* de “nome” “Q”, as teses do *Q-anon* se infiltraram no debate público, impulsionando ataques à democracia no ciberespaço e conformando uma base de apoio ao ex-presidente Donald Trump.

⁵ O contrário de *surface web*, a *deep weeb* é a parte não indexada da rede mundial de computadores, na qual os usuários navegam sem que possam ser rastreados. A ausência de legislação nesse espaço digital facilita a circulação de conteúdo ilegalmente produzido.

antidemocrático, faz transparecer o imaginário do poder masculino em termos estéticos e corporais.

A imagem torna-se um elogio ao mentor ancestral violento e imaginário que subsiste na socialização masculina, sendo parte do controle viril da experiência dos homens uns com os outros (Welzer-Lang 2001). Quando afirmam que devem *andar como homem* ou *falar como homem*, a quem se referem? Aos indivíduos do sexo masculino do passado, considerados “*homens de verdade*”. A masculinidade genealógica constitui-se nessa procura por um resquício predatório do poder nas relações entre os gêneros. Trata-se da “busca genealógica da exemplaridade viril numa linhagem exclusivamente masculina [...] favorecida pelo sentimento de que alguma coisa da virilidade foi perdida” (Courtine 2013: 562). A referência ao ornamento cerimonial do *Buffalo Dance* e à louvação da estética masculina mostra, assim, a demanda por uma masculinidade despojada dos avanços civilizatórios e que propositalmente ignora as conquistas sociais oriundas das lutas feministas e de LGBTQIA+.

Essa perseguição de exemplaridade histórica é notória em um dos maiores marcos da cultura visual masculina da virada do século XX: o desfile competitivo de fisiculturistas. A ascensão de carreiras profissionais dentro da *physical culture*, por volta dos anos 1970, correspondeu às próprias mudanças no poder entre os sexos no decorrer do século. Ressuscitar a imagem de um homem arquetipicamente brutal significaria um reequilíbrio de papel masculino no plano simbólico? Os *bodybuilders* musculosos e seus gestos corporais inspiravam-se na tradição da estatuária grega, fonte de estudo meticoloso para a representação muscular do poder viril. De maneira ainda mais explícita, no século XIX, fisiculturistas do sexo masculino subiam ao palco ostentando peles de ursos e leopardos, sugerindo, por meio da *performance*, uma relação direta entre virilidade, atitude caçadora e atitude de liderança.

Os vínculos entre figurações de virilidade e política ficam óbvios em casos como a imagem do Jake Angeli no Capitólio, foco deste texto, mas também em outros como a ascensão de Arnold Schwarzenegger ao governo do estado da Califórnia, quem iniciou sua carreira como fisiculturista e tornou-se ator, antes de chegar ao cargo. No Brasil, contamos com casos como o do ex-ator pornô Alexandre Frota, eleito como deputado federal pelo estado de São Paulo, em 2018, com 155.522 votos; inicialmente louvado também pelos

eleitores de Jair Bolsonaro. Em todos esses modelos, a força física, a atitude viril e outras demonstrações típicas da masculinidade hegemônica são instrumentalizadas como atrativos políticos.



Figura 2 - À esquerda, estátua grega Hércules Farnese (século III); à direita, fotografia de Eugen Sandow, considerado o pai do fisiculturismo, carregando pele de leopardo (Séc. XIX). Fonte: Physical Culture Magazine, 1934.

A identidade do *homem de verdade* é, por conseguinte, peça fundante da ideologia política do autoritarismo. A estratégia, como venho mostrando, é a de promover sua aparição pública, sua espetacularização e a de legitimá-la como ferramenta na arena das disputas políticas. Braz e Mello (2020) denominam essa concepção de política eufemisticamente de

“androcrazia”, um regime comandado por homens que sabem defender seus privilégios. O fenômeno masculinista, evidenciado nas ações do “*viking* do Capitólio”, é mais uma atualização dos ícones de bravura masculina que propagandeiam os regimes de aspiração totalitária. Nos acampamentos pró-Bolsonaro, homens armados davam o tom da masculinidade bélica, emulando antigos soldados em guerra.

Exacerbar a estética masculinista é demarcar, com mais precisão, os limites de um mundo cindido, de poder desigual, que as lutas feministas vêm questionando há décadas. Tais imagens são uma ameaça à perspectiva de gênero na agenda democrática, têm a capacidade de mobilizar imaginários e são, por fim, instrumentos da ofensiva antigênero que assistimos atualmente. Como mostram Miskolci e Campana (2017), esses ataques sistemáticos, contrários aos direitos humanos, tornaram-se componente de uma política de Estado em torno de direitos sexuais e reprodutivos, fundamentada em um pânico moral. O objetivo é “distanciar os movimentos feministas e LGBTQIA+, e mesmo seus simpatizantes, das definições de políticas públicas e tomar o controle sobre elas” (: 743).



Figura 3 - O deputado Alexandre Frota posa em selfie junto a grupo de apoiadores em manifestações pró-Bolsonaro em 2018. Reprodução de Instagram de Alexandre Frota pelo UOL, em 08/10/2018.

A ascensão dos valores viris na política sobrepasa a esfera simbólica e incorpora-se na dinâmica da política de Estado. Assim, a afirmação de um modelo arcaico de produção do gênero, conforme reproduzido e instigado por Bolsonaro e seus acólitos, legitima e incentiva ações pautadas na dominação violenta. Courtine (2013) nos ajuda a pensar o *habitus* dominante da masculinidade viril constituído como um discurso mítico, amparado na memória de uma antiga potência. Tal potência, por ter sido contestada com o avanço das transformações sociais, busca ser constantemente reafirmada pela socialização masculina e pela ideologia política que a tem fundamentado em “correntes de revirificações” (Courtine 2013: 575) que atravessam os séculos.

A masculinidade genealógica refere-se, portanto, a esse resgate do passado, ao homem primordial – como Jake Angeli veio a reatualizar – que lembrará ao homem do presente que sua força e virilidade advêm de uma linhagem distintiva. A referência à pré-modernidade do *viking* pode ser lida como uma dramatização dessa virilidade apresentada como atemporal. Nesse discurso mítico, a regra da representação autoritária é: quanto mais violenta e saudosista, maior sua eficácia. O saudosismo masculinista, presente em tais governos autoritários, perpetua os ídolos que se temem que sejam definitivamente esquecidos – no caso do bolsonarismo, isso se dá por meio da idolatria a antigos torturadores da ditadura militar brasileira.

A tendência de circulação de tais imagens e imaginários sobre o passado evidencia como as metáforas do poder são flexíveis, reinscritas no tempo presente e, em última instância, reinventadas. Observar a aparição dessas apresentações arquetípicas e o fascínio que exercem possibilita explicitar, no plano da descontinuidade histórica, os modos de transmissão e sobrevivências das formas viris por meio de suas múltiplas mutações. Em cada tempo, ainda que como pastiche ou decalque, a figura do *macho* inconforme se faz aparecer com o reconhecimento da impossibilidade de sua onipotência.

Uma das evidenciações fundamentais dos estudos antropológicos sobre a masculinidade viril, sobretudo na vertente psicanalítica, à que se adscrive este texto, é que nesse modelo de gênero o que conta é tanto o exercício da potência quanto a obsessão pela impotência (Haroche 2013). Na afirmação constante da força simbólica, física e moral do homem viril haveria um medo implícito de falência, um temor

revertido em poder. Pelo medo de perder a potência genealógica e por vê-la ameaçada, homens tornam-se agressivos, violentos, brutais e, por vezes, assassinos a fim de defendê-la⁶.

A busca genealógica, que tende a erigir no presente, é a resposta a essa constante ameaça de falência, ao medo de que a masculinidade se revele contingente e frágil. Esse assombro diante da impotência pode claramente ser lido na recusa de Donald Trump a reconhecer sua derrota nas eleições norte-americanas à presidência. O desespero causado pela perda da autoridade está em jogo na política – dramatizado na *performance* de Jake Angeli – e na constituição e reprodução do *habitus* dominante da masculinidade. No Congresso Nacional, na arena política, ou nos hábitos e comportamentos do sujeito comum, esse sentimento se reafirma por meio da violência diante da ameaça de perder o controle. A ascensão das mulheres no plano econômico, a luta por direitos civis das pessoas *trans* (ocupando cargos políticos), a união homoafetiva, entre outros avanços, representa essa iminente transformação de um mundo que os homens hegemonicamente privilegiados pretendem conservar.

A oscilação entre potência e fraqueza, a constante afirmação do primeiro termo com o intuito de ocultar o segundo, vai constituir o modelo de masculinidade viril e a sua forma de lidar com a alteridade. Ser um *homem de verdade* corresponderia, portanto, à encenação ritualizada do poder simbólico e da agência violenta entre os gêneros, com intuito de defender a posição moral desse indivíduo. Assim lançam mão das mais cruéis estratégias. Quanto mais ameaçado, mais enérgica tende a ser a imagem ou o ato criado com desejo de defender as raízes conservadoras do poder.

Haroche (2013) sugere que haja uma profunda imbricação entre as exigências seculares da tradição viril, baseadas na afirmação da potência bélica, e a ameaça aos princípios das sociedades democráticas. O cenário cultural da extrema direita não se afirma sem que aparências, comportamentos e hábitos de brutalidade circulem, oferecendo novas versões para crenças arcaicas no modelo patriarcal autoritário. Essas imagens não são estereótipos inócuos, mas os

⁶ A desqualificação do feminino e a violência contra as mulheres, assim como ao ódio a identidades sexuais dissidentes permanecem como pano de fundo desses modelos de masculinidade.

meios com os quais se afirmam o poder viril e a angústia diante das incertezas de sustentá-lo.

Por conseguinte, o símbolo do homem búfalo exorta a masculinidade de uma época passada e se coloca como resposta ao momento histórico presente. De um lado, os grupos supremacistas norte-americanos vislumbram o dia em que prenderão em cativeiro as mulheres; e, do outro, no Brasil, piadas sobre estupro circulam nas redes sociais do atual presidente. O cenário é predador, como ousa sugerir a imagem do “*viking* do Capitólio”, emulando os traços ditos “selvagens” de um passado romantizado e glorioso da potência masculina. Ademais, o esforço para tal autorrepresentação evidencia a igual preocupação de que seu controle esteja em vias de extinção e de que sejam elas, as mulheres e as feminilidades, que detenham a possibilidade de desmontar o imaginário estrutural de domínio no qual estaria assentada a identidade masculina viril.

Referências bibliográficas:

- BRAZ, Camilo; MELLO, Luiz. 2020. “Masculinidades e Androcracia em Tempos de COVID-19”. In: Miriam Pillar Grossi e Rodrigo Toniol (Org.). *Cientistas Sociais e o Coronavírus*. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha: 269-273.
- BOURDIEU, Pierre. 2014. *A dominação masculina*. BestBolso: Rio de Janeiro
- CONNELL, Robert. 1995. “Políticas da Masculinidade”. *Educação & Realidade* 20(2): 185-206.
- COURTINE, Jean-Jacques. 2013. “Robustez na Cultura: Mito Viril e Potência Muscular”. In: Alan Corbin, Jean Jacques Courtine & Georges Vigarello (Org.). *História da Virilidade*. Petrópolis-RJ: Vozes: 554-577.
- HAROCHE, Claudine. 2013. “Antropologias da Virilidade: O Medo da Impotência”. In: Alan Corbin, Jean Jacques Courtine & Georges Vigarello (Org.). *História da Virilidade*. Petrópolis-RJ: Vozes: 15-34.
- MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. 2017. “Ideologia de Gênero”: Notas para a Genealogia de um Pânico Moral Contemporâneo. *Sociedade e Estado* 32(3): 725-748.

- VIVEROS VIGOYA, Mara. 2018. *As Cores da Masculinidade: Experiências Interseccionais e Práticas de Poder na Nossa América*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. 1996. “Gênero, Masculinidade e Poder: Revendo um Caso do Sul de Portugal”. *Anuário Antropológico* 20(1): 161-189.
- WELZER-LANG, Daniel. 2001. “A Construção do Masculino: Dominação das Mulheres e Homofobia”. *Revista Estudos Feministas* 9(2): 460-482.

Enviado: 14 de fevereiro de 2021

Aceito: 15 de março de 2021